

“Estética e Liberdade na Moda Masculina”

Denise M. Gava

A moda entendida em seu “conceito moderno” transformou a imagem masculina através de sua indumentária formal e luxuosa, época em que “nasce” na metade do século XIV. E isso é claramente colocado por Lipovetsky, “A renovação das formas se torna um valor mundano, a fantasia exhibe seus artificios e seus exageros na alta sociedade, a inconstância em matéria de formas e ornamentações já não é exceção, mas regra permanente: A moda nasceu”. (1983, p 23).

O surgimento do conceito de moda se dá através da sociedade ocidental, pelo fato de os burgueses começarem a trabalhar e a comprar tecidos para “copiarem” as roupas dos nobres. Com o domínio dessa classe social uma nova estética vem à tona, fazendo então desta mesma, os novos ditadores de moda, concorrentes diretos da nobreza.

A aristocracia por sua vez, tentava mostrar poder através da ostentação em suas roupas. Porém, já na segunda metade do século XVIII, com a Revolução Francesa, mais precisamente em 1789 (Queda da Bastilha), marca-se definitivamente as mudanças na indumentária feminina e masculina. Essas diferenças ficam bem claras pois a Inglaterra era conhecida como a “terra da liberdade” (LAVÉ, 1999, p.149). “De repente não havia mais casacos bordados nem vestidos de brocado, perucas ou cabelo empoado.” (LAVÉ, 1999, p.148). Com esses acontecimentos, a indumentária masculina sofre algumas transformações, mas ainda se prende aos padrões europeus, como uso das meias de seda, sapatos e casacos bordados. Todo o luxo e a “pompa” da corte francesa, ostentada sobre os padrões ingleses da moda masculina.

Os tecidos que eram rebuscados, as perucas e os ornamentos são deixados de lado para que um novo padrão estético entre em voga: o estilo inglês de se vestir. A influência britânica, de estilo campestre (caça), propõe a quebra deste paradigma (luxo e poder) com o uso de roupas mais simples e confortáveis. Os bordados dos casacos foram esquecidos, os babados já não eram mais utilizados no pescoço e no punho, os coletes passaram então, a ficar mais justos, os calções foram até a altura do joelho, as botas entraram no lugar das meias de seda brancas e dos sapatos bordados por serem mais grotescos e resistentes. O chapéu passou a ser uma espécie de cartola ao contrário do “chapéu tricorne” utilizado antes da Revolução Francesa.

O traje inglês foi adotado definitivamente pelos franceses e isso ocorreu por conta dos alfaiates com tamanha maestria em manipular os tecidos. De

modelagem perfeita, onde a roupa era adequadamente ajustada ao corpo começava, então, a surgir uma nova essência... o dandismo.

O estilo Dândy ficou conhecido através do senhor George Bryan Brummell ou mais conhecido como o "Belo Brummell", um conde inglês que se "(...) orgulhava de suas roupas não terem uma única ruga e de seus calções se ajustarem às pernas como a própria pele." (LAVÉR, 1999, p.158). Este estilo ficou conhecido pela elegância, pois o corte tinha que ser impecável, sem rugas ou dobras.

O Dândy era conhecido não só pelo corte da roupa e pelos calções apertados, mas também pelo apuro do arranjo em seu pescoço. O colarinho da camisa era virado para cima, com as duas pontas projetadas sobre o rosto, firmadas por um lenço em forma de plastron ou stock. (LAVÉR, 1999, p. 160).

Todas as roupas rebuscadas e vistosas eram deselegantes; o típico burguês, para então ser respeitado (não apenas nas ruas, mas também em seu local de trabalho e em casa) considerava que a elegância nas roupas masculinas deveria ser fundamental. Para esse novo tipo de homem as roupas seriam mais sóbrias e o fraque ganharia vida. Enquanto as cores alegres enfeitavam o guarda-roupa feminino, a seriedade prevalecia no universo masculino.

Com o final do século XIX (1890) começa o que viria a ser a nova era da tecnologia. As roupas masculinas ganharam uma "cara" mais informal, onde o terno é composto por calça com barra italiana (esta barra é virada para fora), colete e gravata. O uso do fraque ficava exclusivamente para o uso noturno com suas lapelas ornadas em seda preta. Para os homens mais jovens (estudantes) de Oxford e Cambridge, a jaqueta curta era a estrela da época, tornando-se popular. A elegância de um autêntico dândi, era ainda mais evidenciada com o uso da bengala (acessório indispensável no guarda roupa masculino).

O final do século XIX e início do século XX, até o início da primeira Guerra Mundial (1914 – 1918), é conhecida como a Belle Époque, uma era de esplendor, de abundância, de mudança de comportamento entre homens e mulheres, pois a vida urbana, passava a fazer parte do cotidiano. Homens e mulheres que se apresentavam para uma sociedade com "(...) poder e nível social elevado, elegantemente vestidos (...)." (MENDES & HAYE, 2003, p. 01).

Com a ascensão dos "nouveaux riches" (novos ricos), era imperativo andar na moda, a qual deveria ser seguida de forma rígida, pois o medo de se exporem ao ridículo social era determinante para uma sociedade em que "Posição, classe e idade eram claramente assinalados pela roupa." (MENDES & HAYE, 2003, p. 01). "O vestuário masculino não estava sujeito às constantes flutuações decorativas do vestuário feminino, mas seguia um código restrito, que enfatizava

os valores da tradição e da discricão.” (MENDES & HAYE, 2003, p. 01). O fim dessa tradição masculina coincide também com a quebra dos valores sociais femininos (como delicadeza e fragilidade) através das sufragistas (mulheres independentes) que saem da proteção de seus homens e partem para o mercado de trabalho.

O esporte, a influência oriental dos “Ballets Russes” em visita a Paris e os movimentos artísticos (Dadaísmo, Futurismo, Cubismo, Surrealismo, Abstracionismo, entre outros), começavam a predominar e a fazer parte da vida das pessoas. E o corpo passava a ser o novo suporte artístico para novas experimentações.

A indústria de cosméticos começava a se expandir, como L’Oreal, Nivea, Coty, etc. pois a mulher tinha que ser sedutora e a tendência era de uma maquiagem bem marcada, forte, com um olhar provocante. Mulheres emancipadas, começaram a subir as saias sutilmente e os tecidos encorpados deram um “ar” mais austero, por serem considerados menos nobres.

Com o final da primeira Guerra, os homens voltavam para suas casas e as mulheres que antes tinham que sair para as ruas e assumirem os papéis de seus maridos, não queriam voltar para a vida de dona de casa e de esposas submissas. Uma nova figura feminina estava surgindo.

Para esquecerem-se desse período de guerra, os homens começaram a quebrar algumas tradições; barbas e bigodes, por exemplo, foram abolidos, deixando os rostos mais limpos, saindo de circulação a gravata preta e deixando a descontração ganhar vida com as gravatas coloridas. Seria a evolução definitivamente do vestuário masculino?

Não, não seria. Por volta de 1929, a queda da Bolsa de Valores de Nova York, provocou uma recessão nos Estados Unidos e depois por toda a Europa, fazendo com que os ternos com suas cores sóbrias fossem usados novamente. Com o desemprego em massa, a alta costura parisiense entrou em declínio e, pouco a pouco, a procura por peças exclusivas foi ficando reduzida, forçando os donos das “maisons” (casas de alta-costura) reduzirem seus custos pela metade. Porém, se alta-costura feminina nasceu em Paris, pode-se dizer que o berço da alfaiataria masculina foi Londres, pois é lá que se encontravam os melhores alfaiates do mundo. Mas, foi através da produção em massa sedimentada nos EUA que a economia mundial pôde ser reerguida depois de 10 anos de recessão (só estabelecida com a nova política implantada pelo então presidente Franklin Delano Roosevelt 1882-1945). Foi assim que as grandes lojas de departamentos começaram a ser implantadas e, juntamente com a indústria têxtil passaram a entender que era a hora de atender a demanda do mercado.

Quando a economia começava a ter o que poderíamos chamar de “renascimento” e prosperidade para todos, a Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945) foi declarada. O estilo militar passou então a exercer e a influenciar a moda. Era preciso versatilidade na moda de se vestir com um guarda-roupa reduzido. Assim, “(...) a produção de tecidos voltou-se para fins relacionados com a Guerra.” (MENDES & HAYE, 2003, p.101). Toda a produção de lã era fornecida para a confecção de uniformes de guerra, já a seda era usada para a “(...) produção de pára-quedas, mapas e bolsas de pólvora.” (MENDES & HAYE, 2003, p.101).

Uma nova recessão gerada por uma nova crise mundial com um período de intensas privações mas que, ao mesmo tempo, permitiria a legitimação de uma sociedade diferente. Pelo menos foi o que se viu através do comportamento da moda entre os homens, o que viria a ser “(...) uma alternativa radical e controvertida para os uniformes e a moda do tempo de guerra foi o conjunto Zoot (...)” (MENDES & HAYE, 2003, p.120). Uma forma descontraída de se vestirem, pois era preciso roupas largas para a movimentação do corpo enquanto dançavam. Nesse sentido, também surgiram novas formas de comunicação, linguagens e com isso a distinção de “tribos”, estampando uma mesma sociedade que se firmava e se diferenciava através da moda.

Com o fim da Segunda Guerra, os “(...) EUA, relativamente intactos e ricos, fizeram sentir o seu poder econômico e político através do plano Marshall, de 1947, que distribuiu ajuda financeira para sustentar a recuperação européia.” (MENDES & HAYE, 2003, p. 125). Havia pouco dinheiro e a indústria da moda parisiense não conseguia se desenvolver em virtude do racionamento.

À medida que a vida voltava à rotina, a indústria do cinema norte – americano (Hollywood) começava a influenciar não só a sua própria cultura mas também a mundial, lançando novos estereótipos de beleza. O corpo passava a ser, então, reconhecido como um novo instrumento de trabalho para os designers, ao mesmo tempo em que esse corpo passava a ser estudado e entendido como um novo suporte para diferentes materiais. No caso, tecidos, aviamentos e suas técnicas de modelagem e acabamento, fazendo com que o corpo humano fosse enfatizado como nunca havia sido explorado antes, (pois estava restrito as convenções sociais).

Quando tais mudanças começaram a ocorrer no mundo, percebemos no Brasil o retrocesso do comportamento social devido a sua herança colonial. Assim, por conta de uma roupa feita sob medida para os corpos europeus, foi necessário trazer as “modistas” ou costureiras para que essas mesmas roupas fossem adaptadas aos corpos das mulheres brasileiras (essa influência européia seguiu até os anos 30).

Porém, no Brasil um dos fatores que possibilitou o começo das mudanças, foi o clima. Um dos principais aspectos instigadores das experimentações de cunho modernista que pôde ser observado na época através de Flávio de Carvalho. Experimentações estas que ele complementou e também levou para a arquitetura, pintura e a moda. Na verdade, ele sempre buscou nos desejos humanos as inspirações para suas criações. Nesse sentido, foi um grande questionador da moda brasileira, sobretudo a masculina. Para ele tanto a arquitetura como a moda, não deveriam prender o corpo e a mente do homem. Ele mesmo sendo um típico burguês não aceitava que a moda atuasse na sociedade de forma "(...) reguladora mental dos povos." (CARVALHO, 1956, p. 01).

Suas pesquisas no que se referiu ao comportamento humano, podiam ser exemplificadas em especial numa ocasião em que analisou a procissão de "Corpus Christi", em 1931. Ele acabou por provocar a fúria dos fiéis, uma vez que resolveu andar em sentido contrário à mesma, usando ainda um boné verde-musgo. Isso foi uma verdadeira afronta à igreja católica, mas, sobretudo, em relação à profissão de fé numa sociedade tradicionalista e conservadora como a de São Paulo. A revolta foi tão impressionante e amedrontadora que "(...) a aventura estava prestes a se tornar tragédia e seu autor a perder por completo o controle da situação (...)" (TOLEDO, 1994, p. 106). Tal experiência de provocação, no entanto, também gerou no próprio Flávio de Carvalho reações contraditórias:

(...) O meu corpo não tremia; estava mais do lado imóvel; creio que sentia uma parte se deslizar lentamente sobre a outra. Estava em pleno estado de pânico, tinha a impressão que ia me desmanchar, desintegrava-me, (...) não sentia frio nem calor, parecia não ter temperatura; os ossos, sem dúvida, estavam ausentes pois não me era possível acreditar que tinha ossos, mas, contudo, não tombava (...). (apud TOLEDO: 1994, p. 108).

Mas, o objetivo de tudo, nada mais era que vislumbrar a libertação de padrões sociais pré-estabelecidos; ser livre, despido de preconceitos e idéias. Ele mesmo não trabalhava com idéias pré - concebidas, não fazia parte do perfil deste homem urbano, pois, criar para ele, era puro desejo: desejo de vida, desejo de experimentar. E para que uma obra de arte fosse idealizada, era preciso ser vivida, experimentada, manipulada pelos materiais para poder extrair do mundo ao redor elementos para a criação. E na moda não era diferente.

Sabemos que todo o material utilizado para a idealização de uma obra, ou no caso uma roupa, é primordial conhecer e entender. Compreender, sentir e “ouvir” o que ele pede a você. Mas, não basta conhecer somente os materiais e entendê-lo, é preciso conhecer a cultura que os originam e os envolve, pois somente conhecendo o meio em que se vive torna-se possível à legitimidade da criação.

Assim, para Flávio de Carvalho a questão dos materiais, a funcionalidade e a simetria que proporcionavam estavam diretamente ligados às experimentações que o próprio corpo humano poderia assimilar e absorver.

Um corpo que estivesse em movimento, que pudesse interagir com seu meio, buscando novas formas de expressões e sentimentos, era um corpo despido de preconceitos. Mais ainda, esse corpo tão estudado tinha, que seduzir o olhar, precisava despertar desejos. Enfim, no campo do vestuário era necessário uma roupa compatível ao clima tropical e uma moda genuinamente brasileira. Então, a tentativa de mudanças nesse campo obrigaria a determinados padrões estéticos estrangeiros de aqui se adequarem. Tais padrões que sempre foram direcionados para suas respectivas culturas e suas tradições não estavam adaptados ao nosso clima, quente, ainda mais numa cidade como São Paulo.

Os padrões estabelecidos pelos europeus, nada mais eram que tecidos pesados, cores sóbrias e o uso de terno, colarinho e gravata. Isso o incomodava muito, pois não tinha a alegria e a descontração adequada para um país como o nosso (tropical). Por quê um homem não podia deixar de lado as tradições e a discricção? Justamente será na década de 50 que esses questionamentos passaram a ser empreendidos por ele. Flávio de Carvalho, então, começou a escrever e a publicar no jornal “Diário de São Paulo”, durante o ano de 1956, uma série de 39 artigos intitulados de: “A Moda e o Novo Homem”. Nesses artigos, as transformações da moda ao longo dos séculos foram bastante discutidas e comparadas por esse grande arquiteto. Mais tarde, esses artigos viriam a ser chamados de “A Dialética da Moda”.

Em suas observações sobre as teorias da moda, era possível perceber o quanto a sua preocupação com o poder de dominação da moda influenciava o indivíduo. Pois, “(...) um desambientado é um ser em desequilíbrio com o ambiente e possui pois um sistema individual com estabilidade própria (...)”. (CARVALHO, 1956, p. 07). Levando em conta essa observação, pode-se dizer que, se uma pessoa estiver usando algo de forma diferente numa determinada sociedade e, se ela não estiver dentro das tendências de moda, esse indivíduo poderá ser rejeitado, pois não estará dentro dos padrões estabelecidos socialmente ou melhor dizendo, impostos.

Flávio de Carvalho não pensava em moda como sendo um sistema fechado . Mas o que seria isso na verdade?

O conceito de moda é muito amplo, mas um de seus pressupostos é se fundamentar nas várias manifestações artísticas que nada mais são que reflexos de sua época e de sua cultura. Ou seja, absorver informações e transformá-las é uma forma de fazer um “sistema fechado” jamais se limitar, pois ele estará sempre se reciclando e se legitimando. Assim também é a moda. E tudo isso acontece de forma igual nas cidades; se uma cidade se isola, não recebe e nem oferece informações, acaba não se firmando, não se legitimando e, pior, acaba caminhando para o seu fim.

Usamos uma roupa, para ficarmos apresentáveis para uma sociedade, mas “Sempre é o corpo e a indumentária que exibe a primeira visão de personalidade. A expressão do rosto faz parte da indumentária e da moda.” (CARVALHO, 1956, p. 09). Essa questão é observada de forma muito clara em sua “Dialética da Moda”. Conseqüentemente, ele aponta ainda que o “(...) povo é o foco de renovação da moda (...).” (CARVALHO, 1956, p. 22).

Mas suas teorias sobre moda não ficaram apenas em publicações. Pensando na libertação do corpo e uma roupa que fosse compatível com o clima tropical, (mas acima de tudo funcional e prática), Flávio de Carvalho decidiu fazer um desfile pelas ruas de São Paulo. Uma multidão se concentrou atrás dele para segui-lo.

As experimentações e reflexões de Flávio de Carvalho sobre a moda nos foram viáveis por ter ele introduzido uma discussão sobre uma moda genuinamente brasileira. Uma produção que ainda se prende aos padrões internacionais e, que também engendram limitações quanto à criação de moda. Ou seja, era preciso mostrar ao homem que ele podia se libertar das tendências de moda impostas, uma vez que estas não se adequavam ao nosso clima tropical, mas o desafio maior foi mudar o padrão de roupa estabelecido a esse homem, sem colocar a masculinidade à prova. Assim, para tal projeto, ele buscou na História das Civilizações (gregos e os romanos), sobretudo a ocidental, o seu fundamento para a criação da mesma. Pois para esses povos antigos era de extrema elegância o uso de saias.

Talvez a idéia de Flávio de Carvalho em “construir” uma roupa, onde as peças eram compostas por saia e blusa, não tenha sido adequada para a época, uma vez que era polêmico e grande agitador cultural. Mudar era preciso para o homem se sentir livre de preconceitos e conseqüentemente ser mais feliz. Era na verdade, um grande desafio para um homem que estava intimamente em contato

com o corpo, com as artes e acima de tudo, preocupado em construir um novo “gráfico” de sua própria cultura, ou seja, a brasileira, que é tão rica.

[1]Graduada em Moda, professora e coordenadora do Curso Técnico em Estilismo e Moda do “Colégio Politécnico Bento Quirino”, Campinas, SP.

[2]No que se refere ao luxo, a elegância e a obsolescência, ou seja, a rapidez de informações através da globalização, antecipando tudo sobre as novas formas do vestuário.

[3] Será abordado no entanto neste artigo somente a indumentária masculina.

[4] O chapéu tricorne ou tricórnio é composto por três pontas.

[5] O dandismo ou o estilo dândy ficou conhecido por conta de roupas feitas em casimira e ajustadas ao corpo, sem muitos detalhes e cores simples. Tipicamente um corte inglês. Normalmente o casaco era escuro e as calças e o colete de cores mais claras.

[6] O plastron ou o stock era uma faixa dura e com nó que já vinha pronta e prendia atrás do pescoço do homem. O seu uso tornava tão difícil o movimento do pescoço que dava a impressão de arrogância do dândy.

[7] Os Zoots ficaram conhecidos por suas roupas extravagantes, como ombreiras exageradas, calças-balão e estreitas com barras italianas, uma cintura bem alta e marcada, jaquetas cinturadas e longas, sapatos de duas cores e tecidos que chamavam muito a atenção por serem de cores brilhantes e usadas com listras e xadrezes para reforçar ainda mais o visual com o uso de uma corrente enorme de relógio. Era uma forma de protesto dos negros americanos e latinos contra uma sociedade dominante.

[8] Emoções, idéias, atitudes, sentimentos de raiva, felicidade, etc. o próprio comportamento.

[9] Este tipo de boné era muito utilizado ao norte da Europa (Inglaterra, Irlanda e Escócia), pois mineiros de carvão daquela região apreciavam e muito. Flávio de Carvalho quando estudava em Durham comprara um, mas é bom lembrar que ele achava anti-higiênico o uso de chapéus.

[10] Um sistema fechado, dentro de uma análise sistêmica, é aquele em que não existe intercâmbio com o seu meio externo ou ambiente. Está orientado para o progressivo caos interno (entropia), desintegração e morte. O modelo de sistema fechado implica-se com a maior frequência aos sistemas físicos, os quais não possuem qualidades de sustentação vital. LITTLEJOHN, Stephen W. Fundamentos Teóricos da Comunicação Humana, tradução: Alvaro Cabral, Rio de Janeiro, Zahar editores, 1982.

Indicação Bibliográfica

CARVALHO, Flávio de. A Moda e o Novo Homem; (Artigos publicados no Diário de São Paulo de março a outubro de 1956), São Paulo, SESC - SENAC, 1992.

LAVIER, James. A Roupas e a Moda: uma história concisa, tradução: Glória Maria de Mello Carvalho, São Paulo, Companhia das Letras, 2005.

LIPOVETSKY, Gilles, O Império do Efêmero: A moda e seu destino nas sociedades modernas, tradução: Maria Lúcia Machado, São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

MENDES, Valerie; HAYE, Amy de la. A Moda do Século XX, tradução: Luis Carlos Borges, revisão técnica: José Luiz Andrade. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

TOLEDO, J. Flávio de Carvalho, Comedor de Emoções. Ed. Brasiliense. São Paulo. 1994.

Site Consultado

http://www1.folha.uol.com.br/folha/galeria/exposicao/p_expo_09.shtml -
30/08/05.